

Risco mal

Ele era a última pessoa que deveria estar ali. Mesmo assim, decidiu enfrentar o Rio Colorado.

POP DOUG COLLIGAN

WILLIE STEWART ADORA contar a história do primeiro dia que andou de caiaque no Grand Canyon. Ele levou a embarcação de plástico roxa e azul novinha em folha para a água, botou o capacete e o colete salva-vidas, acomodou-se na pequena abertura e se foi. Em questão de minutos, sacolejava nas águas mais turbulentas que já vira. Mas não havia nada de que ele não pudesse dar conta. Um movimento ágil do remo aqui, um desvio feito ali, e avançava pela água revolta com desembaraço.

calculado



Satisfeito consigo mesmo, ele se voltou para os colegas – todos experientes “ratos de rio” – e disse:

– Bela corrida.

Eles o encararam, intrigados.

– Do que você está falando? – perguntou alguém. – Nós ainda não chegamos à corredeira.

“Aquilo era maior do que tudo o que eu já havia visto”, lembra Stewart. “Pensei: *Estou morto.*”

Stewart foi o primeiro a admitir que sua situação era absurda. Lá estava ele, num barco de 18 kg, com apenas alguns meses de treinamento. E só um braço! Presa ao ombro esquerdo, havia uma prótese que ele usava fazia também só uma semana.

O objetivo era remar 365 km em algumas das corredeiras mais violentas dos Estados Unidos, durante 20 dias. O que aconteceu foi uma das aventuras mais incríveis que o Grand Canyon já testemunhou.

Tudo começou com um telefonema informal, nos primeiros meses de 2005. Um grande amigo, Mike Crenshaw, finalmente recebera autorização do Departamento Americano de Reservas Naturais para liderar um grupo de 16 pessoas pelo Rio Colorado no agosto seguinte. Havia uma vaga para Willie. Ele estaria interessado?

“Era a oportunidade da minha vida”, conta Stewart. Havia anos, ele esperava por essa aventura. “Como recusar?” Mas, antes da partida, tinha de tomar algumas providências fundamentais. Era preciso comprar um caiaque, aprender a usá-lo e conseguir uma prótese para o braço.

DURANTE A MAIOR parte de sua existência, esse homem forte de 45 anos viveu apenas com o braço direito. Perdeu o esquerdo num acidente terrível, aos 18 anos. Recém-saído do ensino médio, Stewart estava trabalhando numa obra, num emprego de verão, em Washington. A ponta de uma corda que ele estava carregando se emaranhou num ventilador industrial. Antes que ele pudesse reagir, o ventilador puxou a corda e lhe cortou o braço, pouco acima do cotovelo.

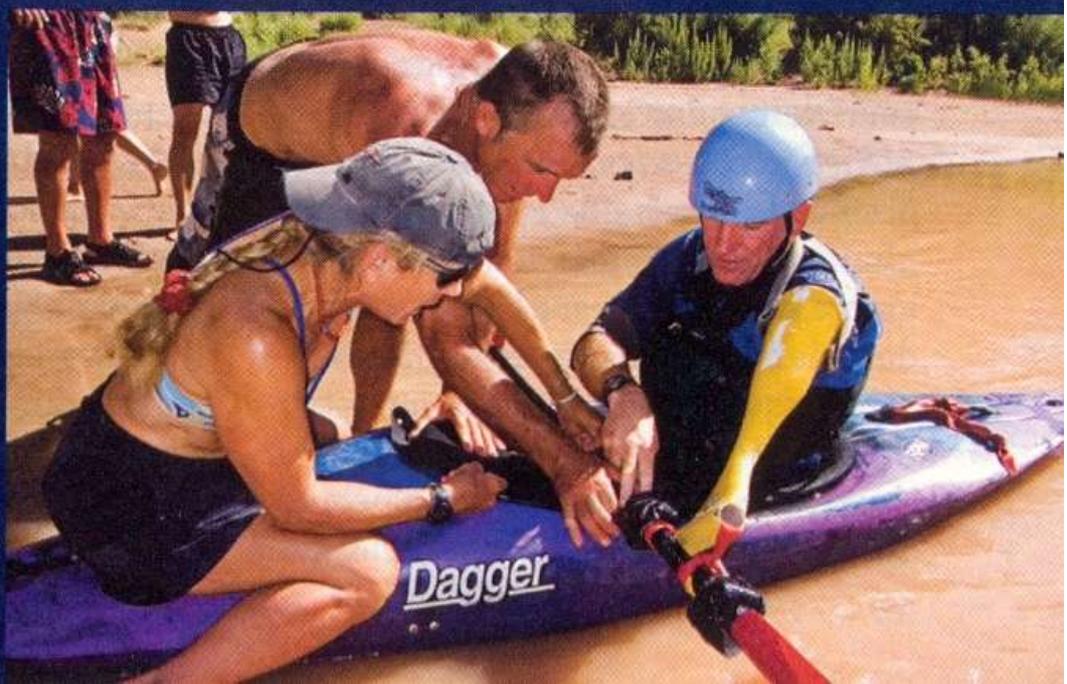
Stewart se tornou um jovem amargo, revoltado com a injustiça do que lhe acontecera, metendo-se sempre em brigas. Quando perguntam se é verdade uma história que contam sobre ele – que teria se metido numa confusão em um bar no dia em que saiu do hospital –, Stewart desvia o olhar. “Muitas brigas, mas não me orgulho de nenhuma.”

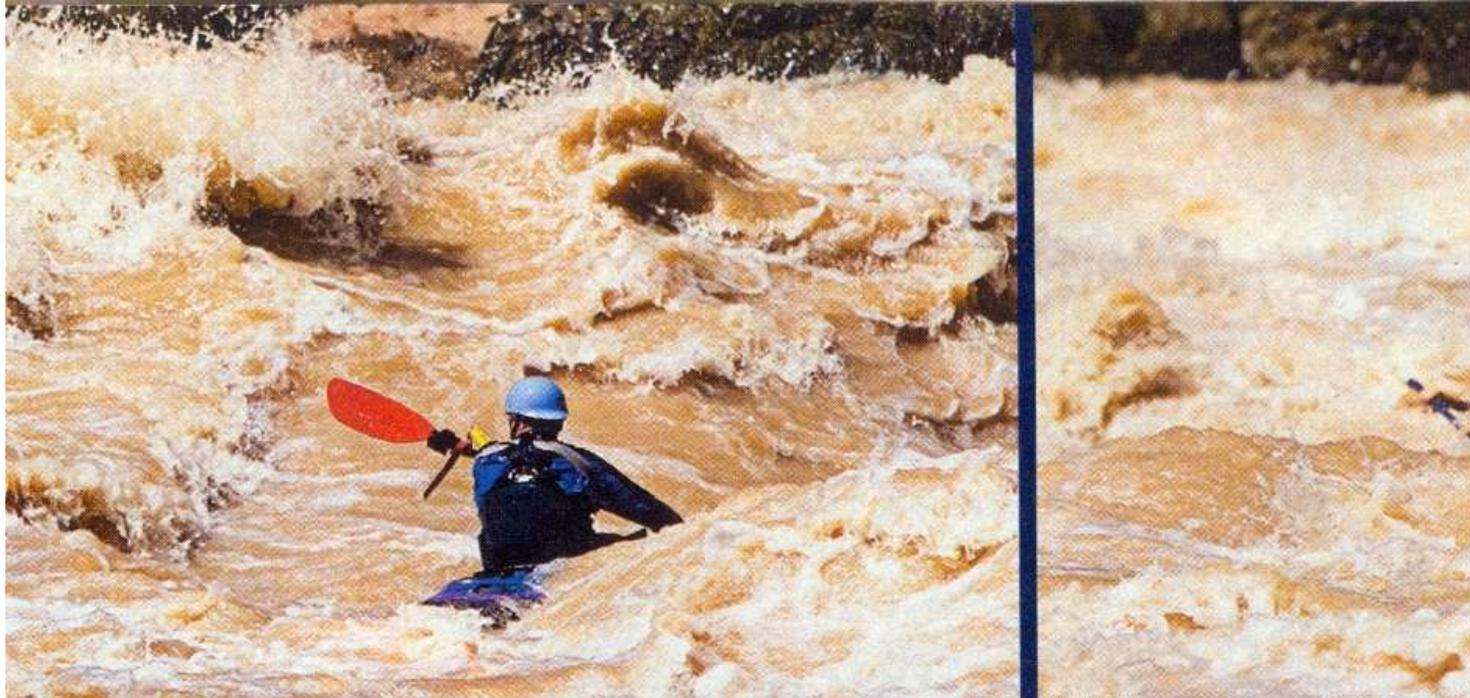
Com o tempo, aprendeu a canalizar a raiva para os esportes. Entrou para um time de rúgbi, ganhou a reputação de jogador destemido e acabou eleito capitão. Tornou-se esquiador medalhista em paraolimpíadas, maratonista, triatleta e até competidor do Ironman (já participou de sete). Stewart descobriu que sua força e enorme energia eram ideais para as competições de resistência. Deixando os dias de fúria para trás, encontrou paz e propósito na vida. Como ele mesmo explica: “Os esportes me curaram.”

AINDA FALTAVAM quatro meses para a viagem, e Stewart estava certo de que tinha tempo para dominar as técnicas



O Rio Colorado, com mais de 2 mil quilômetros, vai das Montanhas Rochosas até o México, atravessando o Grand Canyon. O caiaquista Mike Crenshaw, que convidou Willie Stewart para enfrentar as corredeiras, teve de esperar 25 anos até conseguir permissão para a aventura.





Pego de surpresa pelas corredeiras de Lava Falls, uma das mais perigosas do rio,

necessárias para andar de caiaque nas corredeiras. Quanto ao braço, havia um amigo que podia ajudá-lo. Michael Davidson dirige o laboratório protético do centro médico da Universidade de Loma Linda, na Califórnia, onde Stewart coordena um programa esportivo para deficientes chamado PossAbilities. A equipe de Davidson criou para Stewart uma prótese inicial, basicamente um cano de plástico revestido com fibra de carbono. Depois de ver Stewart treinando com ela, criaram uma segunda prótese, mais curta, de resina e fibra de carbono, com uma correia firme para mantê-la no lugar, já prevendo a agitação das corredeiras do Colorado.

Stewart passava horas treinando na piscina da universidade e num rio próximo de casa. Virava-se constantemente de cabeça para baixo, a fim de dominar o rolamento de esquimó, técnica na qual se usa o remo e um movimento do quadril para voltar à superfície. Imaginando estar pronto, Stewart partiu para o Grand Canyon.

Mesmo com todo o treinamento, estava mal preparado para a aventura. Na primeira grande corredeira, um trecho chamado Badger Creek, Stewart foi lançado para fora da embarcação. Ele se lembra do quanto se sentiu desmoralizado ao ter de nadar para a margem. Rio abaixo, numa parte chamada House Rock, foi derrubado quatro vezes. Mas conseguiu se safar porque havia dominado o tal rolamento de esquimó.

Em outra corredeira, a Horn Creek, foi sugado por uma implosão violenta de água que o manteve num redemoinho por alguns segundos aterrorizantes. Na seguinte, Hance, que era cheia de pedras, diz Stewart: “Virei de cabeça para baixo, fui arrastado de costas – basicamente, fui lançado rio abaixo de um lado para outro, como uma bola de borracha.”

Stewart chegou à conclusão de que mesmo fingir que sabia o que estava fazendo seria suicídio. Dali em diante, passou a seguir pessoas mais experientes pelas águas turbulentas e re-



Willie Stewart e seu amigo Timmy O'Neill lutam contra as águas congelantes.

corria ao rolamento de esquimó nos casos de emergência. “Não sei dizer quantas vezes falei: ‘Pessoal, eu não sou bom nisso.’” Os homens, que tinham visto Stewart atravessar as corredeiras, imaginaram que ele estivesse apenas sendo modesto.

Até então, mesmo depois de seu acidente, Stewart havia se saído bem em todas as competições de que participava. Ali no Grand Canyon, parecia ter encontrado um adversário à altura.

O COLORADO PODE SER um inimigo brutal. Corre a uma velocidade de 280 a 840 metros cúbicos – 900 toneladas de água – por segundo. Possui algo em torno de 100 corredeiras batizadas, e portanto significativas, e uma dezena de outras, menores, todas mais do que capazes de dar cabo de Stewart e seu barquinho. E ainda há o frio. A temperatura da água raramente fica acima dos 10°C. Alguns trechos são tão gelados que se aconselha não nadar neles. O choque da submersão pode

provocar exaustão muscular e afogamento, ou mesmo infarto.

Depois de uma semana e meia, Stewart havia percorrido 145 km. “Eu não acreditava que ainda estivesse vivo”, admite. “Foi pura sorte.” Mas sua sorte estava prestes a mudar.

Ele vinha temendo uma corredeira chamada Crystal. As corredeiras do Grand Canyon são classificadas de um a dez em termos de grau de dificuldade, sendo dez a mais difícil. A Crystal era considerada dez, tão terrível que algumas pessoas que sobrevivem a ela dão festas chamadas ABC: *Alive Below Crystal* (Vivo depois da Crystal). Stewart começou a batalha desviando-se de um enorme redemoinho. Remando em desespero, passou por um muro de ondas com força suficiente para virar um barco com o dobro do tamanho do seu e contornou o que um guia chamava de “pedra rasga-balsas”.

Mas ainda não tinha terminado. Havia a segunda metade a percorrer, um trecho traiçoeiro, cheio de pedras, conhecido como Rock Garden (Jardim



“Willie de um braço só”, como ele costuma chamar a si mesmo, e a mulher, Lynnsey, também atleta.

das pedras). Para seu alívio, atravessou-o sem ser derrubado nem uma vez.

Pouco depois, o rio fazia uma curva fechada para a esquerda, onde Stewart tinha de vencer um pequeno trecho chamado Willies Necktie. O perigo ali é a maneira como a correnteza empurra os barcos para a curva, no lado direito. O jeito de evitar isso é manter-se à esquerda. Stewart sabia disso, mas baixou a guarda, cometendo um erro fatal. Seguiu para a direita.

Antes que pudesse se corrigir, o caiaque bateu numa rocha e virou. Toneladas de água prendiam-no contra a parede do cânion. Tentou fazer o rolamento de esquimó, mas o braço direito – que sempre usava para se levantar – estava preso na pedra. Precisava se erguer usando a prótese.

Stewart se esforçava, levantando a cabeça, sempre tomando fôlego antes de submergir. Exausto, congelando, cada vez com maior dificuldade de respirar, disse a si mesmo que ainda havia energia para uma última tentativa. Jun-

tando forças, tomou impulso até a superfície. Dessa vez, o remo se prendeu direito, e ele se levantou.

Pouco menos de um minuto depois, a correnteza o girou e o lançou contra uma pedra. Antes que conseguisse tomar fôlego, estava novamente debaixo d'água.

Por sorte, dessa vez alguém viu que ele se afogava. Timmy O'Neill era um caiaquista experiente,

estava em sua quinta incursão pelo Grand Canyon. Atravessou rapidamente o rio para ajudar, chegando a tempo de ver o barco de Stewart subir à superfície. Longos segundos depois, Stewart emergia. Enquanto tentava alcançar o caiaque de O'Neill, ambos foram sugados por um redemoinho.

Por fim, o rio os lançou para fora, e Stewart deparou com um novo problema. O remo, agarrado à prótese, agindo como âncora, puxava-o para a corredeira seguinte. Ele tinha de decidir: manter o braço e se afogar, ou se livrar dele.

Em desespero, arrancou a correia apertada, soltando-se afinal. Então sentiu a correnteza levar tudo embora. “Meu braço...”, murmurou. A prótese havia desaparecido.

“Fiquei arrasado”, recorda Stewart. Na marca dos 150 km, quase na metade do percurso, a aventura terminava para ele. *Até onde se pode ir antes que a sorte acabe?*, ele havia se perguntado. Ali estava a resposta.

No dia anterior sua mulher, Lynnsey, lhe havia pedido para desistir. Sendo ela também atleta e competidora do Ironman, Lynnsey participara da primeira metade da viagem seguindo numa das balsas de suporte. Precisava voltar ao trabalho em Loma Linda, onde era médica, e, ao se despedir do marido, pediu: "Não continue. Você vai morrer aí."

Stewart ficou surpreso com o pedido. "Ela já me viu fazer muitas besteiras", diz, "talvez tivesse razão." Então se lembrou do outro braço: na última hora, havia colocado aquela primeira prótese numa mochila, imaginando que ela pudesse ser útil.

Nos dias que se seguiram, Stewart treinou com ela, improvisando uma correia com fita adesiva e presilhas sobressalentes. Passou um dia no rio, fazendo ajustes e remendos, ciente de que não podia cometer qualquer deslize. Por fim, decidiu experimentá-la na corredeira seguinte.

Ele se lembra bem do momento em que avançava em direção às águas revoltas. "Parecia que eu estava remando para o suicídio."

Para alívio seu, o braço se manteve firme. E assim, todas as manhãs dos 200 km seguintes, ele amarrava a prótese e saía para enfrentar o rio, com Timmy O'Neill guiando-o pelas corredeiras difíceis. A aventura se transformou num curso de adaptação. Stewart aprendeu que, para obter melhor ajuste, podia usar a prótese sobre a camisa impermeável. Quando uma das presilhas se soltava, ele abria buracos nela com um canivete e usava cordões e fita adesiva para prendê-la de novo.

Quando Michael Davidson ficou sabendo que aquela prótese inicial funcionara melhor do que se esperava, recusou-se a receber o crédito. "O mérito é do homem que a usou", diz. "Willie provavelmente chegaria ao fim até com um cabo de vassoura como braço."

No último dia da viagem, Stewart saiu remando sozinho, sem acreditar que havia conseguido. Machucara-se, ficara imerso em água gelada tempo suficiente para matá-lo, sentira medo várias vezes e perdera uma prótese. "Até os últimos 20 segundos foi muito tenso", admite. "Mas muito divertido!"

A ALMA DA FESTA

Meu avô Jack sempre foi um homem muito discreto. Mas quando faleceu, toda a família se encontrou no funeral. Como era a primeira vez em muitos anos que parentes distantes se reencontravam, a atmosfera logo ficou festiva. Minha avó, que fazia as honras, comentou:

- É como nos velhos tempos. Estamos todos aqui nos divertindo e o Jack está lá no canto, sem dizer uma palavra!

DARREN WHITE, Reino Unido

